



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

OS PATOS DO SÉRGIO

Calhou a má sorte ao Sérgio. «Perfilámo-lo» e isso foi o suficiente (ou foi mera coincidência?) para ele receber duas cartas da Direcção da Área da Paisagem Protegida. Uma delas quer saber quem lhe deu autorização para lançar um estrado num tanque que ele construiu no seu «oásis». Está *ipso facto* incurso numa multa que pode ir a milhares de contos.

Uma outra missiva foi por causa dos patos: Que destruíam o ecossistema?

Que os patos fazem muito cócô. Ó senhoras, não vêem que aquela espécie de caganita é composta de matéria orgânica? Não se esqueçam que dantes, para tapar o forno de cozer, usava-se a bosta das vacas... Lembrámo-nos que em pequenino, nós, o Raimundo, o Quim Paturra, o Neves, o Flávio, o Mário da Susã e outros famos em cata da dita para tapar o forno da tia Izolina. Em paga recebíamos um bolo.

Que havia ainda o perigo da miscigenação com os patos bravos e estes perdiam raça. Miscigenação, ouviram? Badelos? Já alguém viu por aí patos bravos? Dizem os entendidos que os tais palmípedes voam muito alto e, mais a mais, as patas domésticas não estão assim de asas abertas para o primeiro que chegar. Além do mais, afiançam-nos, o Sérgio, homem prevenido, dotou cada exemplar com uma saquinha contendo **Control**... É preciso ter em conta ainda que os patos domésticos são muito ciosos das suas damas... Que se atrevam!...

Que os patos comem peixes... Dão-se alvissaras a que for capaz de afirmar ter visto estes exemplares da família dos anátidas comer peixe.

Mas se assim acontece, por que é que a Direcção da Área da Paisagem Protegida não manda prender as gaivotas? São aos milhares. Elas, sim, são omnívoras (comem de tudo) e também fazem o seu cócôzinho.

Se a Direcção da Área da Paisagem Protegida está tão empenhada na preservação do rio, por que não indaga sobre quem está constantemente a inquinhar as suas águas? Mesmo que a sua jurisdição se estenda apenas desde a foz até à ponte, deve actuar perante os agentes causadores da água deteriorada que apa-

rece a juzante da mesma ponte. Ali para os lados da Ofirtex, há uma Tinturaria que trabalha a pleno. Em Perelhal, a menos de 1 quilómetro da captação das águas do Marachão, existe um cano descoberto que lança efluentes directamente para o rio. Vão até Barcelos e verifiquem em que condições as 19 tinturarias derramam as suas águas para o Cávado. Não usam não é, e vá de descarregar a vossa frustração sobre um pobre diabo como é o Sérgio.

Uma recomendação ao Director da Área da Paisagem Protegida de Esposende: um quadro deve fazer tudo para que os Serviços não imerjam no ridículo. Há que ter bem alto o sentido de Estado.

A APPLE E A «PATOLOGIA» DO NOSSO AMIGO SÉRGIO...

Por ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES *

O estuário do Cávado foi, por excelência, um extraordinário parque hornitológico natural. Era, com efeito, o paraíso da passarada, principalmente de arrição e nós ainda o chegámos a conhecer pleno de maçaricos, que concorrenciavam com as gaivotas, em busca da pitaça... Ainda vimos

(Continua na pág. 2)

A NOSSA HOMENAGEM TRÊS PROFESSORAS EM FIM DE CARREIRA

Por QUIM DE FÃO

«VALE A PENA
TUDO VALE A PENA...
SE A ALMA NÃO É PEQUENA»

Dirão, neste momento, as consciências tranquilas de três mestras-de-meninos que se fizeram homens à custa de «sangue, suor e lágrimas», nas salas da Escola Amorim Campos.

A D. Maria José Borda Rodrigues, segunda geração da família de professores primá-

rios, hoje ensino básico, acaba de deixar o seu labor sacerdotal, na Escola de Santa Bárbara — Amorim Campos — pondo termo a mais de trinta e cinco anos de serviço oficial; uma carreira profissional de sinal mais; uma vida ao serviço do ensino; da educação; do amor pelo crescimento harmónico, cadenciado, equilibrado, no desejo de um progresso do corpo e do espírito.

Mais de meio milhar de meninos e meninas de Fão e alguns de Fonte Boa passaram

pela docência da D. Maria José Borda; dela e nela tiveram as raízes daquilo que são hoje; donas-de-casa; boas profissionais; boas educadoras e até boas mães e esposas. Não podemos esquecer que a D. Maria José foi a obreira, «o pedreiro» que da «massa bruta e informe»; do «granito selvagem» soube transformar no ser humano, civilizado e instruído, capaz de enfrentar outros graus de ensino. As «suas marcas» ficaram indeléveis na caligrafia, no desenvolvimento equilibrado do «ler, escrever e contar» e até na compostura. Os alunos «trabalhados» pela «Zé» salientavam-se e eram «marcados» por resultados altamente positivos.

A D. Maria José não ficou trinta e cinco anos presa à sala de aula; o seu ensino/aprendizagem ultrapassou a sala de aula à Cantina Escolar. Aqui ela desenvolveu uma actividade já quase esquecida. Ela secretariou e orientou a forma económica de dar a alimentação a cinquenta bocas, diariamente. É que há vinte anos atrás, os meninos de Fão tinham fome de uma sopa; de um prato de batatas com carne, polvo ou bacalhau, na Cantina Joaquim Mariz que os pais ajudaram a fundar. E a D. Maria José, dos sessenta minutos que tinha para a sua refeição — entre o meio-dia e as treze horas — a D. Maria José repartia com as crianças parte desse tempo, sem «obrigação»; ela fazia a chamada; distribuía e vigiava para que todos comessem. Também o jornal — o seu Rouxinol — saía regularmente, comunicando aos encarregados de educação um

(Continua na pág. 2)



D. Maria José Borda Rodrigues



D. Berta Campos



D. Judite Campos Esteves

TRÊS PROFESSORAS EM FIM DE CARREIRA

(Continuado da pág. 1)

pouco daquilo que era e é a Escola Amorim Campos; a Maria José organizou e ensaiou festas do 1.º de Dezembro — quem não se lembra? —; safu à rua com os seus alunos nos cortejos de Carnaval e Etnográficos que tanto êxito alcançaram; organizou e colaborou em exposições de desenho que durante anos re realizaram nos finais de anos lectivos e nas Festas do Senhor Bom Jesus; a D. Maria José preparou, organizou e passeou/ensinando com os seus alunos pelos caminhos, estradas e monumentos nacionais, levando consigo pais e alunos e, ultimamente, só os alunos. Quem não se lembra da visita de estudo a Lisboa — três dias! — e da recepção nos jardins do Palácio da Presidência da República? Que ninguém esqueça centenas de horas perdidas/ganhas na preparação deste passeio e do êxito alcançado! Que a memória de Fão, da Autarquia, das Associações com quem a Maria José mais de perto colaborou, que a memória de Fão não se esqueça de «pagar» a dívida de gratidão; de dizer «obrigado» à Zé de uma forma mais digna, mais clara e natural, pelo trabalho que ela desenvolveu ao longo da sua vida de magistério.

É a hora da partida! E da chegada! Parte, no nosso ponto de vista, com a satisfação do dever cumprido. De ter contribuído de uma forma correcta e ultrapassando a mediania do «pelotão da frente»; parte encerrando o ciclo da «Família Borda Rodrigues» ao serviço da educação em Fão.

Que Fão o reconheça e se cumpra a «Mensagem»: ser reconhecido a quem em Fão e por Fão deu uma parte substancial da sua vida.

É a hora da chegada! A D. Maria José pode e deve continuar a dar o seu contributo muito válido, servindo as instituições fangueiras, carentes de pessoas «desinteressadas» na sua imagem e muito útil no dinamismo, na alma, na inteligência que põe em tudo aquilo que organiza a nível social.

Bem hajas Maria José Borda! O teu labor docente certamente não morrerá na memória dos teus alunos e daqueles que contigo compartilharam como colegas e amigos, durante muitos anos para que a Escola de Fão fosse grande e respeitada. O meu, o nosso, o sentir de todos os fangueiros que pensam como o «Quim de Fão» estão-te muito gratos e guardam de ti, da tua Escola a saudade de uma óptima professora, amiga e companheira e queremos compartilhar contigo, na sã camaradagem que sempre soubemos preservar, de umas «férias prolongadas» cheias de recompensa pelo teu esforço e labor ao serviço da Educação, em Fão.

Com a Dona Maria José Borda, partem em fim de carreira as duas irmãs Pinto Campos: A Dona Berta e a Dona Judite Esteves. Ambas, na última década, exerceram a sua actividade docente na Escola Amorim Campos. Foram menos anos de serviço na Escola de Fão, mas nem por isso, merecedores de menos apreciação ou valorização. Parte daquilo que foi dito da Professora Maria José também se aplica a estas duas senhoras professoras, pois a sua docência foi de franca e leal colaboração, ajudando a que a Escola de Fão ainda hoje mantenha o estatuto privilegiado da capacidade de ensinar/educando com alto grau de rendimento escolar.

Estas professoras espalharam o seu labor docente, a sua tarefa quotidiana durante vários anos quer em Criad - Apúlia — a D. Berta — quer noutras terras do país. Assim aconteceu com a D. Judite que «pregou» em Barce-

los e nas suas aldeias, onde ficaram marcas francamente positivas da sua passagem mais ou menos longa.

Se todas as formas de negligência profissional são condenáveis; se o desleixo pela melhoria do funcionamento da Escola é responsável; se a falta de abnegação, dedicação e solidariedade são inclassificáveis; estas duas mestras-de-meninas são merecedoras do nosso apreço e admiração pois há, no seu labor docente, cosmética que disfarce o rendimento positivo e são transmitido aos seus discipulos.

Podem ter orgulho muito grande quer a nível profissional quer social como exemplo de senhoras merecedoras do nosso respeito não só pela sua actividade nas Escolas Amorim Campos mas também por pertencerem à Família Pinto de Campos que desde o século XIX tem o seu nome ligado a Fão, através de acções altruístas e de benemerência.

Que Fão as não esqueça. Mobilizem-se as Forças Vivas e os seus alunos para um «público» obrigado, como merecem...

QUIM DE FÃO

UM ROMANCE DE CORDEL

*Eras forte, real, viril e terno
como a terra no auge desse inverno
em que eu te conheci
terias vinte anos pouco mais
e uns olhos amigos e leais
como eu jamais vi
relembro as tuas mãos hábeis compridas
e a alegria que uniu as nossas vidas
tão verde e sem cuidados
memorizei a imagem desse evento
dá-me saudade vê-lo em pensamento
tão longe no passado
eras belo magnético e eu quisera
ser estonteante como a primavera
para te deslumbrar
numa tarde de luz doirada e doce
beijaste-me nos lábios como se fosse
quase desmaiar
sorri baixei os olhos e corei
e tu estavas tão sério que guardei
o meu primeiro beijo
abraçados deixamos o terreiro
e sob um guarda-chuva e um aguaceiro
perdoa se me queixo
molhada até aos ossos mas feliz
ri das tuas piadas e quando eu quis
uma rosa que estava num jardim
tu saltaste o portão enferrujado
deste-me a flor com ar maravilhado
e cantaste para mim
num pôr-de-sol de um dia de Fevereiro
puseste termo ao nosso devaneio
porquê hoje eu não sei
mas hei-de recordar ano após ano
o aniversário desse desengano
e quanto então chorei
vi-te mais tarde eras um senhor
e eu já tinha outro rumo e outro amor
mas gostei de te ver
como ao brinquedo que guardei da infância
como à visão da minha adolescência
nm tempo sem idade
onde estiveres para ti eu sou ninguém
e o teu rosto perdeu-se muito além
não sei se te inventei ou se és verdade*

ODETE PYROTO

A APPLE E A «PATOLOGIA» DO NOSSO AMIGO SÉRGIO...

(Continuado da pág. 1)

graças e abetardas, embora os gansos e os cisnes selvagens já tivessem desaparecido.

Todo aquele estuário, que está quase morto, era um «fervilhar» de vida, que mais se excitava ao «picar» a maré. Era emtão ver — nos juncais da margem direita, há muito destruídos — miríades de pequenos peixes, num apogeu que constituía um autêntico hino ao Criador! Juntamente com pequenos crustáceos e outros animáculos e detritos, as aves comiam os peixes e os dejectos das mesmas, ricos em nitratos, adubavam as algas, que os peixes, por sua vez comiam e onde se refugiavam... Era um ciclo perfeito e equilibrado, que o Homem estupidamente rompeu e os peixes não eram só robalos e tainhas, pois os estuários funcionavam como autênticos viveiros, onde muitas qualidades de peixes marinhos permaneciam, quando jovens, para depois irem povoar a plataforma continental, ou seja aquela zona situada entre a costa e as profundidades atlânticas abissais. Velhos pescadores fangueiros ainda se lembram de ver polvos e raias na zona constituída pela ponte de Fão!

O estuário do Cávado era pois um «mundo de aves» e em mundo de aves renasceu, graças ao bom Amigo Sérgio que, em matéria de «pataria», polvilhou o rio de branco... E é efectivamente um gosto ver todo aquele mundo de «patósos», em paralelo com as tradicionais vacas que, interdidas na ponte, atravessam o rio a nado.

Ora contaram-nos uma coisa, que supomos ser anedota, ou seja de que a APPLE - Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende, se acha muito preocupada com o desequilíbrio biológico que os patos do bom do nosso Amigo Sérgio causa, no que se refere ao tão infausto estuário do Cávado. Supomos ser isto uma anedota e, francamente, rimos a bom rir. Então a APPLE, que, não obstante ser decreto, nada fez até à data, teria a coragem de implicar com os pobres dos patos?

Porque não implica então a APPLE com os cerca de 35.000.000 de litros (400 litros/segundo) diários de hidrocarbonetos, benzeno, anilinas, amoníaco, bicromatos, fosfatos, perborato de sódica, ácido azótico, etc., etc., que o parque industrial de Barcelos lança directamente ao rio e que fatalmente passam pelo dito estuário?...

Embora não estejamos no dia 1 de Abril, supomos ter sido vítimas duma «mentirinha», aliás bastante saborosa. Interrogamo-nos apenas como é que, com tanto lixo industrial, o rio ainda não fez mal aos patos...

* Um profundo estudioso do rio Cávado.

PÃPÃ ALARGA-SE

A pastelaria Pãpã, através do seu proprietário João Marques Alves ofertou à Confraria do Senhor Bom Jesus, de que é juiz o nosso conterrâneo Adelino Saraiva, um valioso pão. Isto revela que a devoção ao Senhor Bom Jesus não esmoreceu nos habitantes de Fão. A Alameda do Bom Jesus continua muito bem arrumada. Ultimamente o jardim do coreto foi enriquecido com um gradeamento a toda a volta.

Não há dúvida que a Alameda continua a ser a nossa primetra sala de visitas pelo que todos os arranjos que lhe possam prestar nunca serão demais.

O ANIVERSÁRIO DO NOSSO JORNAL

No dia 9 de Maio realizou-se a grande Festa do «Novo Fangueiro».

Foi de facto uma Festa!

Num ambiente de grande amizade, alegria e boa disposição, reuniu-se, na casa de fados «A Lareira» um grupo de 30 pessoas, todas ligadas directa ou indirectamente ao jornal. Ninguém faltou!...



Há amigos que só vemos nesta data, mas nem por isso deixamos de sentir, uns pelos outros, uma enorme simpatia afectuosa.

O Director do jornal, o nosso querido amigo Dr. Armando Saraiva estava felicíssimo.

Como sempre estava tudo muito bem organizado. A ementa, escolhida a preceito pela nossa querida amiga e administradora Zita Saraiva, estava primorosamente apetitosa: Parabéns à organização da «Lareira».

Tudo impecável, lindas flores nas mesas e sobre tudo um serviço primoroso. O pessoal, atento, não consentiu uma falha.

Todos fizeram honras ao arroz de cabide-la. Depois veio a parte artística. Cantou-se o fado com garra e foi o fadista Altino, o artista da casa que iniciou o espectáculo. Seguiu-se a fadista Maria Augusta, vinda do Porto que com a sua bonita voz encantou toda a assistência. A casa estava repleta com estrangeiros que com os seus aplausos animaram a festa. Estes dois artistas actuaram alternadamente e ouviram-se fados conhecidos que, no fim foram cantados por toda a assistência. Os guitarristas eram senhores do seu ofício e deliciaram quem os ouviu. No fim apareceu um fadista de Fão, o Albano que não deixou os seus créditos por mão alheia. O Fernando Casa Nova também participou na festa com muito agrado para todos.

Não poderia ter-se feito farra fadista, onde a bonita voz da Zita não se fizesse ouvir. Como todos esperavam, relembrou Coimbra com aquela emoção e beleza que só ela sabe transmitir. Parabéns.

Entre a sobremesa e o café, abriu-se a porta aos discursos.

Abriu a «sessão» o Dr. Armando Saraiva, na qualidade de Director do Jornal. Com o seu jeito peculiar, disse da sua justiça, com graça e a leveza que põe nas coisas sérias.

Teve muitos aplausos. O Eng. Ramos Assunção, não pôde ficar calado. Disse e muito bem da necessidade de apoiar o jornal. Na verdade o «Novo Fangueiro» é um veículo de cultura, de informação e até de saudosismo, que precisa de ser ajudado. Levantou também a sua voz, o tão apreciado Quim de Fão. Com o seu humor congratulou-se com o êxito destes oito anos de publicação regular e desejou-lhe mais e mais anos. Tudo isto num ambiente de alegria e descontração. Seguiu-se depois o momento da poesia.

Como sempre, o dedicado e fervoroso amigo do jornal, sr. Almeida brindou todos os presentes com um lindo poema.

Num gesto espontâneo esta vossa amiga disse também um poema da sua autoria. Muitos aplausos para ambos.

Pela noite dentro ainda houve mais fados e por fim as senhoras foram brindadas pelos donos da casa com um lindo botão de rosa vermelho. A cantadeira Maria Augusta foi também brindada com uma flor.

Entre abraços e sorrisos nos despedimos

contando estarmos todos novamente reunidos para o ano que vem, se Deus quiser.

CECÍLIA AMORIM

VÁRIAS NOTAS:

O Dr. Penteado Neiva, vereador da Cultura, afirmou que a Câmara pensa enviar os jornais do concelho a todas as escolas concelhias (pagando-os).

Seria uma ajuda não despicienda de todo.

★

Todos os presentes estavam satisfeitos pela escolha do lugar para celebração do aniversário. Por sua vez a Cândida e o Alexandre estavam contentes por terem sido os eleitos. A voz do sangue também fala, não é verdade. O serviço estava como diz Cecília Amorim: *primoroso*.

★

Além de uma poesia, o casal Florinda/Fernando Almeida traz sempre uma na manga. Desta vez foi um porta-chaves Volvo para o proprietário do veículo Volvo NQ-45-90.

INSTITUTO DE APOIO À EMIGRAÇÃO E ÀS COMUNIDADES PORTUGUESAS

DELEGAÇÃO DE BRAGA

CURSOS DE LÍNGUAS GRATUITOS

O Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, através da sua Delegação Distrital de Braga, vai promover cursos de Línguas (inglês, francês e alemão) destinados a emigrantes ou seus familiares, designadamente para trabalhadores sazonais ou temporários, que queiram não só adquirir as noções fundamentais da Língua do País de acolhimento mas também entendam vantajoso obter informações sobre as condições de vida no País de trabalho onde esperam singrar, com êxito.

Tais cursos realizar-se-ão nos locais (fre-

guesias, vilas ou cidades, do distrito) onde surgirem candidaturas bastantes para a concretização dos referidos cursos.

As aulas dos cursos, intensivos e gratuitos, que não excedem o prazo de seis meses decorrem duas ou três vezes por semana, aos fins de tarde e ou à noite, fora do horário laboral, a fim de permitir maior acesso dos candidatos a estes mesmos cursos.

O acompanhamento, orientação e avaliação são da responsabilidade do Instituto das Comunidades e da Organização Internacional das Migrações.

Deverão os candidatos interessados, inscritos ou não nos Centros de Emprego para emigrar, proceder à sua rápida inscrição na Delegação de Braga do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, sito na Avenida da Liberdade n.º 168 1.º D.to - Braga, podendo obter-se informações, pelo telefone 79842 (de Braga).

O CONFORTO DE UM HOSPITAL ENTRE NÓS

Isto de ter um hospital na terra é deveras confortável. Há dias um familiar nosso acordou com uma dor muito çbata. O que seria, o que não seria: seria intestinos?, apêndice?, pedra no rim?; havia sobretudo que levar a doente ao hospital. Eram umas duas horas. Chegados lá, tocámos a campainha da Urgência. Num ápice abre-se uma porta e logo surge um porteiro e uma enfermeira. Havia que chamar o médico de serviço e, passados exactamente três minutos, aparece o dr. José Albino que mora em Esposende (traidor!). Por telefone apreendera os sintomas e mandou preparar os remédios, mas ele num instante estaria aí (no hospital), como esteve de facto. Chegou, observou a doente, sempre sereno, muito senhor de si. Sabia o que estava a fazer. O diagnóstico feito à distância estava certo.

Entretanto outro doente aparece. Um

moço relativamente novo, mas com um peso correspondente à sua arte (pasteleiro): 110 quilos. «Ai! Senhor Doutor, que eu morro! Senhor Doutor, Senhor Doutor, eu morro!» «Ai morres, morres, e assim já não comes mais pastéis...» O diálogo continuou onde o medo e a aflição do doente contracenavam com a calma, a segurança e um surpreendente humor do clínico. E como é a conversar que a gente se entende, o assustado jovem acabou por convencer-se que não ia morrer.

Devidamente receitados, os dois doentes acabaram por ter «alta» passados tempos.

Esqueçamo-nos de dizer que aos acompanhantes foi ofertado um chazinho reconfortante (5 estrelas).

Agora imaginem que não havia hospital em Fão. Que de segurança haver um hospital na terra!

UMA VISITA GUIADA AO CONCELHO

Não temos dúvidas que a Câmara de Esposende e, de uma maneira especial, o seu Presidente Alberto Figueiredo estão entusiasmados e vaidosos com as obras que estão a correr no concelho.

Assim se explica a visita guiada ocorrida no passado mês dedicada aos órgãos de informação que o próprio Presidente ciceronou, e que permitiu verificar in loco as obras projectadas e a projectar nas várias freguesias do concelho.

A preocupação maior ou o factor maior que pode trazer muitas dores de cabeça já que é um problema dimensionado à escala planetária, prende-se com o abastecimento de água. Para isso está a ser construída no Marachão uma ETA (Estação de Tratamento de Águas) que vai permitir dentro de um ano o seu abastecimento ao concelho com melhor qualidade que a actual e sem os perigos da salinização. Mais tarde, quando estiver em funcionamento a captação de Areias de Vilar, a água será canalizada até aqui e daqui distribuída para o norte. Nessa altura a ETA do Marachão alternará com a água daquela zona sempre que for necessário.

O problema da habitação é outra das prioridades em que aposta a C. de Esposende; uma das hipóteses consiste na aquisição, por parte daquele município, de terrenos que depois vão ser infra-estruturados e vendidos a casais jovens, já com o respectivo projecto de construção e liberto de taxas. Uma outra alternativa será o aluguer (em poucos casos) com renda económica ou a venda em sistema resolúvel, ficando os compradores com a casa ao fim de 25 anos. As freguesias que vão beneficiar com a venda de terrenos são a sede do concelho, Marinhas, Forjães, Belinho, Apúlia, Gandra, Fão, Curvos e S. Paio.

O problema da saúde passa pela recuperação do Hospital de Esposende que vai atingir os 200 mil contos, cabendo ao Estado a participação de 80% e à Câmara 20%. Em Esposende e Apúlia vão ser construídos

centros de Saúde e em Belinho uma escola vai ser adaptada ao mesmo fim.

A caravana jornalística subiu ao Monte de S. Lourenço de onde se capta uma panorâmica de sonho. Ali viveu e desenvolveu-se uma cultura castreja que se estendeu desde o século I a.C. até ao século IV d.C. Por isso existem disseminadas na montanha cerca de duas mil casas que estão a ser estudadas por técnicos especializados. Aquele património não vai ser destruído. A Câmara comprou o terreno e vão ser construídos circuitos pedonais que permitirão observar de perto os vários núcleos arqueológicos em estudo.

A primeira freguesia do concelho a ser contemplada com uma piscina é Forjães cujos trabalhos vão muito adiantados. Esposende, vila, vai igualmente ser beneficiada com uma piscina e vários apoios com custos que ultrapassarão os 400 mil contos. Ainda em Forjães está em construção uma nova captação de águas.

Em Fão a obra mais proeminente chama-se Pousada da Juventude que se encontra na segunda fase de construção. O Posto Náutico é outra obra já quase ultimada que de certo modo vem premiar o viveiro de canoístas em que esta terra se transformou com realce para Belmiro Penetra que goza já de cartaz internacional. Pronto também se encontra o Centro Cultural adaptado de uma construção nas Rodas destinada inicialmente a mercado público. Obra polémica, sem dúvida, que tem os seus adeptos e detractores.

Bem, e em Fão pode aludir-se igualmente ao terreno já comprado perto do Caldeirão para casas e ainda a um espaço junto ao actual campo de futebol destinado a um ginodesportivo. Falta ainda falar na prometida piscina cujo lugar bem poderia ser aquele sítio atrás do parque de campismo, mas, certo, certo é que ninguém fala nela. Mas nós lembramos já que o prometido é devido.

Com extensão concelhia já se encontra

pronta a Biblioteca, bem estruturada, diga-se, uma marina turística está na agenda, as estruturas do Estaleiro estão em bom andamento, as obras de adaptação do Teatro Club a Museu vão iniciar-se em breve e o Cinezen-de, ultimamente adquirido, vai ser adaptado para a exibição de espectáculos e audição de concertos.

Enfim Esposende está em marcha rumo ao progresso, mantém-se animado de uma dinâmica que mais tarde ou mais cedo a atrairá para os braços de uma veste cidadina.

COUTO DOS SANTOS NO CONCELHO

Foi um discurso enleante aquele que o dr. Agostinho Teixeira, Presidente da Comissão Instaladora da Escola C + S de Apúlia, proferiu ao saudar a visita do Ministro Couto dos Santos no dia 30 de Junho. A sessão de boas-vindas realizou-se na sala da Biblioteca cujas estantes se encontravam notoriamente vazias. Agarrando-se a esta circunstância, adrede preparada, aquele docente fez uma alusão às entidades que já ofertaram livros, esperando que o Ministério entre na lista dos doadores, ao lado da Câmara, de alguns editores, da Academia da Marinha e possivelmente da Fundação Gulbenkian. Mas não se ficou por aí. Tornou evidente a necessidade de um pavilhão gimno-desportivo, aludiu à transitável situação dos professores (de 31 ninguém é do quadro) bem como à falta de estabilidade do pessoal não docente (de 20 funcionários, só 7 estão fixos).

O Presidente da Câmara que se movimentava entre os ministros com razoável à-vontade, também ajudou à missa, o que levou o Ministro a concluir de forma audível: «já estou tramado». No entanto, deixou no ar bagos de esperança tendo afirmado concretamente que no próximo ano, pela primeira vez, vai ser estabelecida a formação contínua dos professores e que o caso da fixação do pessoal vai ser melhorado.

Aludindo ainda a novas reformas, declarou que as escolas vão ser dotadas de maior autonomia. No que ao desporto diz respeito, Couto dos Santos afirmou que as escolas devem usufruir das instalações desportivas que existam próximo e que igualmente as colectividades terão direito a utilizar os pavilhões pertencentes às escolas.

Finalmente uma novidade para o concelho: a escola de Forjães vai já este ano ter o décimo em duas áreas.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO



TESTE DE TRAVÕES

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 69 81 05-09 10 18-6 37 48 — FAX 667365
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então já estão em férias? Depois de um ano de trabalho estão mesmo a apetecer, não é verdade? Para todos os nossos votos de que elas sejam uma ótimas férias!

BRINQUEDO

Por ARMANDO MARQUES

A sensação constante de perseguição, os tempos difíceis e a luta pela sobrevivência, onde a cada passo a morte espreita, levaram-me àquela lojinha da esquina onde se encontra exposto um verdadeiro arsenal com os modelos mais sofisticados na precisão de matar.

Desde a infância que não passava por aquela zona da cidade e tudo agora era novo e diferente para mim. Mas, no meu subconsciente, tinha uma vaga reminiscência da arquitectura arcaica daquela lojinha.

Por momentos tive a sensação que era...

Não, não podia ser!

A dúvida permaneceu.

Atendido pelo armeiro, que expunha no resto a rudeza da sua profissão, e, já muito do meu «meio sustento», saí.

Fitando de frente a porta da lojinha, acabaram-se-me as dúvidas. Era ela, tinha a certeza! Por fim, o n.º 9 confirmou o meu pensar.

Era naquela lojinha, que há vinte anos atrás, agarrado ao braço de minha mãe, entrava feliz à procura do meu primeiro brinquedo!

Senti um calafrio seguido duma sensação de saudade. Que seria a minha mãe!

Cabisbaixo, retirei-me vagarosamente meditando sobre o darwinismo e a teoria da evolução.

Como as crianças evoluem, como as lojinhas mudam e como os brinquedos são diferentes!

Chamem-lhe evolução, progresso, forma de vida, ou simplesmente BRINQUEDO!

PAUSA PARA SORRIR

Passou-se no Porto. Um indivíduo que nunca tinha vindo à cidade, tomou um autocarro para se dirigir a casa de um parente, que vinha visitar.

O condutor ia circulando junto dos passageiros, cobrando os bilhetes.

Um cavalheiro que pretendia ir para a Praça Marquês de Pombal, disse, ao pedir o bilhete:

— Um para o Marquês de Pombal.

A seguir, o cobrador dirigiu-se a uma senhora, que pediu:

— Um para Santa Catarina.

O aldeão arregalou os olhos. Que gente importante ali viajava. Então, quando chegou à sua vez, encheu o peito de ar, e pediu em alta voz:

— Um cá p'ró Zé Pancrácio!...

★

Os sábios são, regra geral, pessoas distraídas.

Certo dia, a mulher de um cientista estranhou que as luvas de borracha que ele usava no seu trabalho, e que tinham sido estreadas na véspera, estivessem com as pontas dos dedos todas rotas.

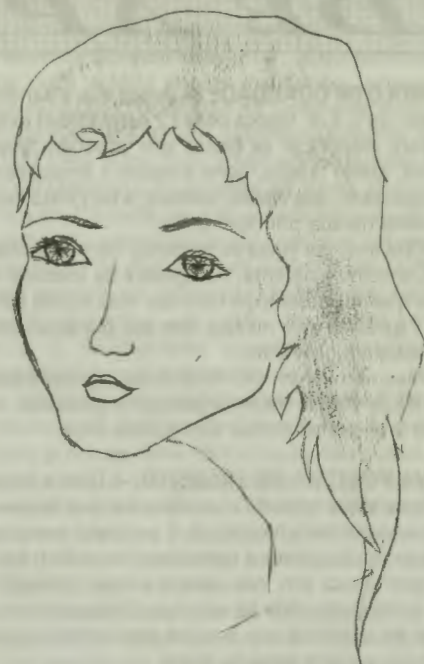
Por isso, perguntou ao marido como é que aquilo tinha acontecido.

— Ah! — respondeu ele. Já sei. É que ontem, ao cortar as unhas, esqueci-me de tirar as luvas!...

SOLIDÃO

*A monotonia do meu olhar,
A abstracção do meu ser,
A inexistência do meu Mundo
E a criação deste nos meus sonhos belos,
A fraqueza do meu amor,
O meu bem querer sem poder,
São a matéria prima.
Da casa em que habito,
A quem chamei SOLIDÃO.*

Não tem portas nem janelas pois não respiro ar puro.



Desenho de Isabel M.


OS OLHOS DA MENTE

Escuto, olho, interpreto,
Descrevo com a imaginação.
O que é a imaginação?
Talvez uma imagem abstracta
de um real desconhecido.
Ou a libertação da recordação
Presas nas correntes da memória.
É o correr de um rio,
Rápido e turbulento,
Percorrendo tudo ao mesmo tempo,
Da rapidez com que acontece.
Algo se liberta,
Por vezes explode,
Espalhando a frustração
que encerra em si.

Nela nascem universos,
Ideias, sentimentos, palavras,
Enfim,
O retrato desta humanidade
Instável e cada vez maior.
Afinal, é ela a musa
Que tudo inspira.
Sabe-se lá o que nela se passa!
E nela se viaja,
Sem sequer se sair do sítio,
Tudo se vê e conhece,
Sem sequer se conhecer.
É a nascente da nossa vida interior,
É esse sol redondo e quente
Que afaga a flor da existência
E se perpetua na idade dos homens,
Tão velhos como ela,
E a ela unidos
Como se da sobrevivência se tratasse.

Tudo se vê com clareza,
Porque estes olhos da mente enganam,
Até se fecharem e nos deixarem
Acordar
Para viver no real.

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

DE APÚLIA

SÍMBOLO DE QUALIDADE — Desde que a Bandeira azul da C.E.E. (agora com 12 estrelinhas) existe para identificar as praias que possuem boas águas, areias limpas, bons acessos e simbolizam a qualidade, que Apúlia, cremos, a tem visto desfraldada na sua principal praia.

Este ano, por culpa de terceiros, nenhuma praia do Concelho a ostenta. As águas e os acessos, a areia e as praias serão as mesmas, mas aquela bandeira **garantia** isso mesmo aos que por aqui apenas passam no verão.

Mas não vai ser por falta de **essa** bandeira que a Praia de Apúlia deixa de **possuir** a qualidade de água e as areias limpas dos outros anos.

NOVA POSTURA DE TRÂNSITO — Com a nova Postura sobre trânsito rodoviário há dias aprovada na assembleia Municipal, a principal soma da Vila de Apúlia, passa a ter ordenamento de trânsito, que, agora sim, nos parece o mais consentâneo e mais adequado às estruturas físicas do meio. E vai de encontro aos desejos dos comerciantes de toda a vasta zona da praia.

Assim, o trânsito descendente faz-se pela Avenida da Praia, e o ascendente pelas Ruas do Faço (lado norte), e Cruzeiro (lado sul).

Como a zona nos parece bem «sinalada», sem desaparecerem as filas de carros, de manhã, na entrada, e à tarde, na saída, não vão ser mais possíveis aquelas «bichas» de horas seguidas, que foram o «pão nosso de cada dia» nos dois últimos anos.

Para bem dos automobilistas veraneantes, e para bem, também, da população, que sofria os inconvenientes da poluição ambiente e da poluição sonora.

GRUPO DE SARGACEIROS — Conforme já escrevemos no último número deste jornal, o Grupo de Sargaceiros de Apúlia, partiu em digressão para o Brasil, a meio do mês de Junho, e ainda por lá se encontra, estando o regresso previsto para a manhã do dia 11 deste mês. Foi uma oportunidade talvez única de poder mostrar ao vivo, o nosso folclore, os nossos trajes, as nossas canções e as nossas gentes. E como muitos dos componentes do «Rancho» tinham por lá familiares, também serviu para levar a todos os apulienses ali radicados, o seu abraço e o «abraço» da terra mãe.

AVENIDA DA PRAIA — AS OBRAS — Com um novo piso de betuminoso asfaltado, e com passeios espaçosos dos dois lados da rua, está concluída esta importante via de comunicação, depois do pandemónio de alguns meses, com as escavações para as «condutas» dos saneamentos domésticos e pluviais.

Nesta primeira fase, a obra teve que parar uns metros acima da Residencial e Padaria, recomeçando até ao seu término, no mês de Setembro. Só então as pessoas se aperceberão do gigantesco passo que Apúlia deu no sentido de melhor e mais sã qualidade de vida.

ROUBOS / POLICIAMENTO — Desde há anos, que nos meses de verão se clama por um maior e eficiente policiamento na zona da Praia. É certo que o Concelho tem três ou quatro praias, e, todas elas com direitos (e certamente aspirações) a um maior e mais vasto policiamento, e a G.N.R. de Esposende, mesmo aumentada nos seus efectivos, talvez não possua ainda capacidade de resposta para todos.

E é pena, por que se evitariam muitas situações desagradáveis, e talvez até alguns roubos, como o que aconteceu agora, de «levarem» 9 (nove) tampas de ferro de cobertura dos poços do saneamento.

OS NOSSOS EMIGRANTES — Hoje são os «brasileiros» e os «canadianos». Amanhã serão os «franceses» na avalanche do costume. Todos animados por um denominador comum: abraçar a família, rever os amigos, palmilhar outra vez os cantos da sua terra, os locais da saudade. Alegram-se e alegram. Procuram o convívio, contam as suas venturas e desventuras. E também as suas aventuras... que isso está no sangue de todo o português. Movimentam e dão mais vida ao meio. Tornam-no mais colorido e mais alegre.

Que todos aproveitem bem este tempo sem canseiras, sem compromissos, sem horários. Que todos sejam **BENVINDOS**.

Entretanto, já cumprimentamos ou vimos por cá, os conterrâneos, António Veloso Rodrigues Ferreira, Ramiro Fernandes da Quinta, Adolfo Moreira Fernandes Eiras, Esposa e Filhas, Isaias António Barros e Esposa D. Maria Dias Fernandes, Amândio do Monte Dias e Esposa D. América Inácio Dias, filho Luís Fernando Inácio e Esposa, Daniel Barros, Delfim Santos Costa Regado e Esposa, todos vindos do Brasil onde residem há muitos anos.

Vindos do Canadá, também se encontram entre nós, Gabriel Fernandes Elras e Esposa, Manuel Tomé Gonçalves Serra e Esposa, D. Maria Santos Miranda, Adelino Moreira Hipólito e Esposa D. Maria da Guia Dias Hipólito e irmã D. Idalina Dias Hipólito.

Também regressaram ao Canadá depois de passarem por cá dois meses, os nossos conterrâneos Arnaldo Costa Santos, Esposa e Filhas e Rui Gomes Alves Ferreira, Esposa e filha.

ERNESTINO MIRANDA Homenageado em Esposende

Ernestino Augusto de Miranda, nosso saudoso colega dum famoso quinto ano que passou pelo colégio Infante de Sagres (lembra-se dr. Reis?), foi homenageado postumamente, no último domingo, dia 5, pela Misericórdia de Esposende.

Chefe de uma alfaiataria, não se demorou no status quo recebido, antes procurou medrar, quer cultural quer profissionalmente. Quando morreu, ainda novo, deixava aos seus uma das maiores empresas do concelho. Era um homem bom. Esmoler do incógnito, nunca a sua mão direita sabia o que dava a esquerda. Às vezes, nem os seus familiares.



A Santa Casa da Misericórdia atribuiu-lhe, a título póstumo, a distinção de Irmão Benemérito. Ele estivera na arrancada da construção do Centro Social de Esposende que irá ser inaugurado em Setembro próximo. Obra magnífica com um custo total que atinge os 195 mil contos — participação do Estado, já se vê — constará de um Centro de Dia, de um Lar da Terceira Idade e de um Espaço para a ocupação dos Tempos Livres.

Houve uma curta sessão em que entrevistaram o dr. Manuel Maria Silva, a dr.ª Bordalo, Presidente do CRSS de Braga e Alberto Figueiredo, Presidente da Câmara de Esposende. À viúva do homenageado, Maria Angélica Miranda, foi entregue o diploma que nomeava o marido Irmão Benemérito. No final houve uma visita ao edifício onde vai funcionar o Centro Social de Esposende que vai ter o nome de Ernestino Miranda.

DO BRASIL

Entre nós encontra-se o nosso conterrâneo Carlos Cardoso Salgado que veio do Brasil acompanhado de sua esposa Idalina Cardoso Torres e de sua irmã Ana Cardoso Salgado.

Apetecemos-lhes uma boa estadia entre nós.



ALOCUÇÃO DE ALTAMIRO MARQUES NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL — AINDA O RIO CÁVADO

Como V. Ex.as sabem, a razão de ser da minha permanência de onze anos nesta distinta Assembleia Municipal, relacionava-se, única e simplesmente, com o nosso Cávado e a sua salvação. Muito falei e muito lutei, quer aqui, quer junto do poder central e na imprensa, porém baldadamente. Com efeito, considero que cheguei o momento de dizer que o Rio Cávado está definitivamente perdido, da ponte velha de Barcelos até à barra, mercê de incúrias verdadeiramente criminosas e duma tácita apatia, senão mesmo subserviência, por parte do actual executivo camarário. O protocolo sobre a macro-captação, com o paradoxal beneplácito do Ministro do Ambiente e Recursos Naturais, já foi assinado e lemos no jornal o Comércio do Porto a notícia com o título «Rio Cávado vai dar água a metade do vale do Ave», título este bastante esclarecedor. A água que for «alimentar» metade do vale do Ave deixará de correr no baixo Cávado, transformando-o, na ausência das marés, num fio de água constituído totalmente por efluentes industriais. Adeus pesca da lampreia, adeus desportos náuticos, adeus ecologia, etc., etc., pois revoltantemente «outro valor mais alto se levanta», ou sejam a demagogia e inconcessíveis interesses económicos...

As reduções drásticas de caudal praticadas pela barragem da Caniçada respectivamente em 1987 e 1989 provocaram a ruptura, como todos se lembram, do fornecimento de água por parte dos Serviços Municipalizados respectivos, não falando na matança de milhares de peixes, etc., etc. Com a gravíssima seca, ocorrida este ano, as barragens estão vazias, pelo que, mesmo ainda sem a materialização da macro-captação acima aludida, os esposendenses vão sofrer este ano, fatalmente, novas rupturas, em prol do bom funcionamento das vinte e tal tinturarias que constituem o parque industrial de Barcelos. aliás — e é caso para dizermos «Aleuia» — o ex.mo Presidente da Câmara, segundo o semanário «A Voz do Minho» de

26 de Março último — afirmou ao sr. Secretário de Estado dos recursos naturais, numa cerimónia relacionada com a APPLÉ «que grande parte do concelho de Esposende bebe água imprópria». Parabéns pela sinceridade e pela descoberta!...

Há cerca de uma década, quando eram Secretário de Estado do Ambiente, o eng.º Carlos Pimenta e Governador Civil de Braga, eng.º Artur de Sousa Lopes, numa reunião realizada em Braga ficou bem explícita a circunstância do Cávado só poder ser salvo através da criação dum «Gabinete de Gestão da Bacia Hidrográfica do Cávado», que funcionasse a tempo inteiro e aglutinasse os «Know-How» da Hidráulica do Douro, da Direcção-Geral de Portos, da Universidade do Minho, etc., etc., etc., constituído num organismo que tivesse voz activa junto do poder central e poderes supra-municipais, para não ficar ao sabor de pressões e de interesses egoístas concelhios, como seria o caso de Barcelos...

Esta ideia fundamental não se materializou e eis que surge agora um pomposo organismo intitulado «Associação de Municípios do vale do Cávado» — que tem como presidente da «núvel estrutura» (?) justamente o Presidente da Câmara de Barcelos, ou seja do concelho que mais interesses possui no presente «statu quo», a bem da sua indústria!... O «Primeiro de Janeiro» de 10 do corrente, ao veicular esta notícia, diz que o processo «é pacífico» e disto não temos qualquer dúvida!... Diz também que a ideia partiu do ex.mo sr. Presidente da Câmara Municipal de Esposende, «que chamou a atenção para a grave situação gerada pela poluição do rio Cávado e a necessidade, por isso, de o preservar». Que nos perdoe o ex.mo sr. Presidente da Câmara Municipal de Esposende, mas esta última afirmação é uma espécie de «tira o cavallinho da chuva»... E tem um sabor demagógico demasiado acre!

Reportando-nos ainda à Associação de Municípios do Vale do Cávado, interrogá-

vamo-nos como é que poderá atingir o seu objectivo — a protecção do Cávado — com o protocolo da macro-captação e o desinteresse de Barcelos em criar, simultaneamente com a dita macro-captação, uma etar comunitária, que aliás há uns bons anos estava prevista e tem sido tacitamente adiada??? Por outro lado e isto em contraste com o tal Gabinete de Gestão da Bacia Hidrográfica do Cávado, que ficou em «águas de balcalhau», interrogavamo-nos que formação possuem os distantes municípios envolvidos, em matéria de ambiente, hidrologia, toxicologia, faunística, etc., etc., etc. Terão, ao menos a modéstia de consultar instituições especializadas nas matérias?

Falando sem rodeios, a «Associação dos Municípios do Vale do Cávado» será, em termos práticos, uma fantochada, feita para «inglês ver» e principalmente — no que diz respeito ao nosso concelho — para levar os esposendenses inocentes a acreditarem de que existem vontades municipais de que o Cávado seja recuperado...

E reportando-nos às afirmações que o ex.mo sr. Presidente da Câmara Municipal de Esposende tem feito na imprensa, lembramos um artigo, surgido no jornal «O Comércio do Porto em 2 de Abril de 1991 — feito em «comandita» com o director dos serviços regionais de hidráulica do Douro — em que diz textualmente» muita gente começa hoje a fugir do Ave e a vir para o Cávado». Sobre isto, apenas dizemos que entrevistamos recentemente o treinador da secção de canoagem de Gemeses, que nos afirmou que a água do Rio se apresenta por vezes em tais condições, que chega a hesitar em obrigar os atletas a entrarem em contacto com ela, com medo de que possam vir a ser vítimas em problemas cutâneos ou mesmo intoxicações! Esta sim, é que é a verdade, que o ex.mo sr. Presidente tenta violentar, dentro do raciocínio lógico — com referência ao dito — de que, se muita gente abandona o Ave e vai para o Cávado e porque este último rio se encontra em boas condições!

Como não temos veia de Dom Quixote, esgrimindo contra moinhos, consideramos o caso do Rio Cávado como encerrado, desejando paz à sua alma... e lamentando o progressivo infortúnio dos esposendenses, que «engolem» promessas utópicas, juntamente com água imprópria... e ainda têm sobre o peçoço, o espectro das minihídricas. E para terminar e circunscrevendo a afirmação ao nível concelho, citamos Camões... «fraco rei faz fraca a forte gente», para bom entendimento, meia palavra basta!

ELEIÇÕES NO CDS

No passado dia 9 foi eleita a Comissão Política Concelhia do CDS que ficou assim constituída:

Presidente: Dr. João Paulo de Castro Gomes; vice-Presidente: Eng. Fernando Américo Losa de Magalhães e Dr. Manuel Alberto da Silva Moreda; Secretário: Fernando Manuel da Silva Carvalho; Tesoureiro: João Augusto Pinto Vilarinho Rodrigues; Vogais: Eng. José Manuel Teixeira de Araújo, Óscar Hernâni Gomes Viana, Manuel Pires da Rocha, João Reis Barreiro e António Eduardo de Oliveira Viana.

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLECÇÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



DESPORTO

(Continuado da pág. 12)

ficar com a camisola do atacante da casa na mão tal foi o agarranço dentro da grande área, mas o juiz da partida achou que era muito cedo para assinalar grande penalidade. Na segunda a mãozada na bola foi tão rápida por parte do jogador Maximinense que o árbitro pensou que foi ilusão de óptica e não acreditou no que realmente viu.

Resultado de tudo isto, os jogadores da casa com os nervos à flor da pele, excederam-se, uma partida que prometia muito de bom, tornou-se muito má, com imensas faltas, muitos cartões amarelos, dois vermelhos e algumas atitudes tomadas que temos de lamentar.

Quanto ao desfecho final, apesar de tudo, ainda foram os fangueiros que tiveram as melhores oportunidades para ganhar o jogo, tanto Graça como Zézinho podiam ter marcado o que seria bonito terminar o campeonato com uma vitória.

Com a entrada e saída do Manuel Carlos, o ataque na equipa fangueira modifica-se, desculpem-nos esta afirmação que não queremos com ela desmerecer toda a rapaziada por quem temos muito respeito e consideração.

A constituição da equipa foi a seguinte: Carlos, Pedras, Eiras, Valdemar e Canário; Sousa, Zézinho, Didi e Pedro; Brazuca e Graça.

Jogaram ainda, Barcelista e Mário. Suplentes não utilizados: Pinheiro, José Paulo e Rogério.

No próximo número daremos a classificação final oficial e, mais uma vez, prestaremos a devida honra aos dirigentes fangueiros que apostaram na rapaziada da terra contra o mau augúrio dos que não acreditam que santos da casa afinal também fazem milagres.

João Pedras

ASSEMBLEIA DO FUTEBOL

No sábado, 26-4, realizou-se uma Assembleia Geral Extraordinária para se conseguir atempadamente uma nova direcção. Os objectivos não foram conseguidos mas, em compensação houve o lavar da roupa suja com certa impetuosidade. A certa altura um associado, Moisés Vareiro disse que o bar apurava uma média de 19 a 20 contos antes da actual direcção tomar conta dele. Agora dá 9 a 10 contos. Tratou-se de uma afirmação grave que deu azo a muitas dúvidas.

O presidente Belmiro não rebateu estes dados.

Entretanto nós não nos conformamos e fomos no dia seguinte ter com o Bernardino no seu esplêndido café do Caldeirão. Esclareceu-se que este antigo director tem ajudado o presidente «a fazer a escrita». Pudémos ver então

o apuro de Abril e Maio e, com grande contentamento e estupefacção, constatamos que o presidente apresentou dias com 20, 30 e até 42 contos. Nada da média denunciada pelo Moisés Vareira.

É lamentável que se façam afirmações que põem em causa a honorabilidade das pessoas, sobretudo pessoas que estão a dar o corpo ao manifesto a favor da terra.

★

Já se vai na quinta sessão e os homens para a Direcção de futebol ainda não apareceram. Fica tudo a jogar às cartas ou a ver televisão e as assembleias ficam desertas.

O celebrado bairrismo fangueiro só se vê nas coisas fáceis. O resto *tá queto*.

Bem, parece que agora há uma promessa. Todos estão virados para o Amândio Leite de Faria. Será que desta, quer dizer, no próximo dia 17 vai haver fumo branco?

O Presidente e o Secretário da Assembleia não têm estado quietos. Sim, senhor, não se deve esquecer a acção e o empenho do António Viana. Ele sabe falar às massas. Ele tem-se desdobrado, enfim, ele é um dos irmãos Viana e, como tal, merece que seja referenciado: precisamente o António Carreiro.

Afinal tanto se malquistou os irmãos Viana e se eles não se põem à frente das coisas, as coisas não andam.

Por outro lado, espera-se que o bairrismo do Mando, hoje já um empreiteiro da nossa praça, desencilhe o barco.

CONHEÇA OS SEUS ANTEPASSADOS

Almeida — Este apelido, com origem numa terra, apareceu ligado a uma família que já existia anteriormente ao século XIV mas só pode ser estudado documentalmente a partir dos últimos anos deste século. Um dos seus ramos que aparece com mais relevância histórica e social foi o dos senhores alcaides-mores, mais tarde, Condes de Abrantes, de que D. Francisco de Almeida é o mais ilustre expoente, pois foi o 1.º Vice-Rei da Índia.

Os Almeidas foram destacados por Camões, sobretudo este nobre e seu filho D. Lourenço que se cobriu de glória na batalha de Chaul.

As armas dos Almeidas são: de vermelho uma dupla cruz de ouro, acompanhadas de seis besantes(1) do mesmo metal e de bordadura também.

Timbre: uma águia estendida de negro carregada de novos besantes de ouro, três no peito e três em cada asa. Num dos túmulos quatrocentistas dos Almeidas senhores de Abrantes, aquelas armas surgem-nos timbrada com um plumão(2) no monumento tumular do segundo Conde de Abrantes, existente na Igreja de Santa Maria do Castelo, de Abrantes, as mesmas armas estão timbradas com uma hidra de sete cabeças.

(1) Segundo o dicionário da Porto Editora, trata-se de uma peça circular de ouro ou de prata sem marca.

(2) Penacho de pluma: cada uma das penas de raquis e rama não resistente e barbas soltas.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumetiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



O MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

Segundo PRUTHI, os frutos maduros armazenados durante uma semana, à temperatura ambiente (24 a 33° C), e a uma humidade relativa de 55-70%, sofrem uma perda de peso de $34,5 \pm 1,12\%$. Passado este tempo os frutos começam a murchar e a polpa principia a fermentar, dando-se início ao ataque de fungos.

Pretendendo-se uma conservação prolongada, recomenda-se a temperatura de 5,6-7, 2°C conjuntamente com uma humidade de 85-90%; a vida normal dos frutos sob estas condições atinge as 4-5 semanas. Temperaturas inferiores ocasionam lesões — manchas de coloração vermelho-sanguíneo — seguidas de emurhecimento e do ataque de fungos.

Conservando os frutos dentro dos condicionalismos anteriores, colocando-os em sacos de polietileno tratados com uma solução de fenol a 5% e armazenando-os em caixas sujeitas ao mesmo tratamento, consegue-se um máximo de protecção contra a perda de peso e contra o ataque dos fungos, embora afectando um pouco a palatibilidade do sumo.

Também o revestimento dos frutos com um impermeabilizante — parafina graxa — determina menor perda de peso e melhora o seu aspecto.

Confrontando o maracujá amarelo com o roxo, diremos que este suporta o armazenamento, quer porque sofre menor perda de peso, quer porque é menos sensível ao ataque dos fungos.

Os melhores tipos de embalagem para exportação são, de preferência, caixas de cartão, com as dimensões externas de 40x30x14 cm, para acondicionar 12 dúzias de frutos, dispostos em 3 camadas, equivalentes a um peso bruto de cerca de 6 kh (valores referentes ao maracujá roxo).

10 PRODUTIVIDADE

A produtividade desta planta é muito variável, não só devido às condições ecológicas (solo e clima) a que está submetida, mas também, dentro dum mesmo local, em função da espécie cultivada e das técnicas culturais seguidas.

Dentro da técnica descrita considera-se como possível, entre o segundo e o quarto ano, atingir a produção de 4 a 8 toneladas por hectare, tendo o maracujá roxo tendência para o limite inferior, enquanto o amarelo tenderá para o superior.

11 — MANEIRAS DE CONSUMIR E APROVEITAR A POLPA, AS FOLHAS E AS SEMENTES

A polpa do maracujá é macia, agridoce e muito saborosa, encontrando-se intimamente ligada às sementes.

Os frutos são consumidos quer ao natural, quer depois de transformados. Da industrialização podem obter-se sumos naturais, nectares, xaropes, concentrados, sorvetes, geleias, doces, etc.

Para além dos frutos a planta admite outros aproveitamentos, pois toda ela é rica em açúcar (glicose) e as suas folhas, com elevada percentagem de tanino, têm

propriedades desobstruentes, diuréticas e anti-hemorrágicas.

A casca dos frutos, sub-produto do sumo, é rica em amino-ácidos e pode aproveitar-se como alimento para o gado ou para a extracção de pectina. Caso não se queira fazer qualquer destes aproveitamentos, pode ainda utilizar-se como adubo, dada a sua riqueza em extracto livre nitrogenado.

Das sementes, por seu turno, extrai-se um óleo semi-secativo que é utilizado na fabricação de sabões, tintas e vernizes; os resíduos desta extracção são óptimas fontes de proteínas, que podem ser aproveitadas para lotar a alimentação animal. As sementes também podem ser ingeridas como vermífugo e sedativo, pois os alcalóides que possuem não deprimem o sistema nervoso central, antes actuando com segurança e relativa rapidez.

11.1 — PREPARAÇÃO DO NÉCTAR DE MARACUJÁ:

1.º — Escolher, lavar e escaldar as garrafas onde vai ser guardado o néctar; ferver as rolhas de cortiça;


2.º — lavar, escolher e redzir os frutos a sumo, tendo o cuidado de extrair as sementes;

3.º — levar o sumo a uma rápida fervura, depois de se lhe adicionar metade do seu peso em açúcar;

4.º — engarrafar o néctar, deixando um pequeno espaço vazio na garrafa;

5.º — vedar imediatamente as garrafas, tendo em atenção que as rolhas devem ser bem atadas, para que não se soltem na operação posterior;

(Continua no próximo número)



Basta[®]

a melhor alternativa


Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	18 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst — um amigo
na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000000mo Reg. Com
Sítio n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

Pagamento de Assinaturas

1991 — António Morais Casanova, Amadora, 750\$00; D. Esperança Cubelo Arantes, Fão, 750\$00; D. Adelaide Costa Sobral, V. N. de Gaia, 1000\$00. 1989 — D. Maria da Conceição Torrinhã, Guimarães, 750\$00. 1991 — José Maria da Costa Leite, Guimarães, 750\$00; Prof. D. M.ª Belmira Mariz Dias Ferreira, 750\$00; D. Aida Mariz Mendes, Porto, 750\$00; Manuel Faria Graça, França, 1500\$00; Américo do Vale Carvalho, França, 1000\$00; Manuel Lopes Gaifém, Alemanha, 1000\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00. 1990 — D. M.ª Augusta Gonçalves Moleto, Fão, 750\$00. 1991 — Carlos Domingues da Venda Mariz, Braga, 1000\$00.

1991 — João Maria Ferreira Ribeiro, Suíça, 1000\$00. 1990 — Amílcar Cardoso, Fão, 1000\$00. 1991/92 — Manuel Gomes Neto, Brasil, 2000\$00. 1991 — D. M.ª Hermínia de Jesus Silva, Fão, 750\$00. 1990 — Rufino Ferreira Soares, Fão, 750\$00. 1991 — António Ramos Pereira, Fão, 750\$00; Venceslau Barbosa Rodrigues, Lisboa, 1000\$00; Manuel Sá Pereira, Fão, 750\$00; D. Maria Ferreira Belo, Fão; António Luís Jacome, Braga, 1000\$00; Vidrozendê, Esposende, 1000\$00; José Cardoso, Fão, 1000\$00; Rogério Sousa Morgado, 750\$00; Hermenegildo Morais Gomes, V. N. Gaia, 1000\$00; António Gaia, Matosinhos, 750\$00. 1990/91 — Dr. José Bernardino Amândio, 1500\$00. 1987/88/89 — António Domingues da Venda, Fão, 1500\$00. 1991 — D. Aida Teixeira Dias Araújo, Fão, 750\$00; João Filipe Costa Santos, Palmela, 750\$00; Manuel Fernandes Grilo, Fão, 750\$00; D. Maria Adelaide Gonçalves morim, Fão, 750\$00; Carlos Artur Ferreira Graça, França, 1000\$00. 1989/90/91 — Cândido Ermida Vinha, Barcelos, 5000\$00. 1991 — Dr. Aniceto Vieira Martins, Porto, 1000\$00; António Castro da Silva Costa, Porto, 1000\$00; Artur Manuel Duque da Silva, S.to Tirsó, 1000\$00; Eng.º Romualdo Luís Ribera Salceda, Porto, 1000\$00; Eng.º José Vasco G. A. Carvalho, Felgueiras, 1000\$00; Gumercindo Vilar Machado Soares, Porto, 1000\$00; Nelson Moreira Cardoso, Porto, 1000\$00; Dr. José Manuel Duarte Pinheiro Cardoso, Porto, 1000\$00. 1989/90/91 — Eng.º João lobo Maia, Porto, 5000\$00. 1990/91 — Joaquina Pinto, Porto, 5000\$00. 1991 — Domingos José Lobarinhas da Quinta e Costa, Barcelos, 750\$00; Zita Madalena Saratva Marinho, Fão, 750\$00; D. Julieta Fonseca Torres, Brasil, 1000\$00; Manuel da Costa Gonçalves de Morais, Brasil, 1000\$00; António Cardoso Torres, França, 3000\$00; Maximino Gomes Calafate, Brasil, 1000\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00; Angélico Nuno Gomes Maciel, França, 1000\$00; Joaquim Magalhães, França, 1000\$00; Dr. Alberto Malafata Baptista, Porto, 750\$00; Francisco Ventura Peixoto, Canadá, 5000\$00. 1990 — António Gonçalves da Silva Morgado, Fão, 1000\$00. 1991 — D. Alice Torres do Monte, Faro, 750\$00; Manuel Arantes Gomes, França, 1200\$00. 1990 — João Baptista Carvalho Barcelista, Fão, 750\$00. 1991 — Jaime da Cruz Vilela, Lisboa, 750\$00; João Mendanha da Cruz, Lisboa, 750\$00. 1990/91/92 — D. M.ª Fernanda F. Coelbo Oliveira, 3500\$00. 1990/91 — Arq.º Luís Pádua Ramos, Porto, 15.000\$00; D. Maria Luísa Nobre Pádua Ramos, Porto, 15.000\$00; D. Denisa Silva Vila Lobos, 1500\$00. 1991 — Eng.º Pedro Manuel Carvalho de Matos, Porto, 750\$00. 1990 — Dr. Jorge Basto, Porto, 1000\$00; 1990/91 — Gustavo Ernestino Gomes da Costa, 1500\$00. 1991/92 — D. M.ª Gilda Coelbo C. Rodrigues de Almeida, Brasil, 2000\$00; D. Leda Coelbo Vilas Boas, Brasil, 2000\$00. 1991 — Manuel Vale de Sousa, Fão, 750\$00; Alcindo do Vale Gonçalves, Apúlia, 750\$00; D. Cecília Paixão Amorim, Lisboa, 750\$00; Arq.º Alcino Soutinho, Porto, 750\$00; D. Leonor Paixão da Conceição, Lisboa, 750\$00; D. M.ª Eugénia de Jesus Carlos, Fão, 750\$00; Carlos António de Jesus Carlos, França, 1000\$00; José Morim de Faria, França, 1000\$00; D. M.ª Alice Fernandes Morais, Barcelos, 750\$00. 1990/91 — João C. M. Ramalho, B.P.S.M., Algueirão, 1500\$00; Rui Ferreira da Silva, Fão, 1500\$00; Joaquim Cardoso Silva, Porto, 1500\$00. 1991/92 — Dr. Mário Vale Lima, Barcelos, 2000\$00; Casimiro Matias, Lisboa, 1500\$00; José Matias, Lisboa, 1500\$00. 1991 — Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 750\$00.

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

INAUGURAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA EM ESPOSENDE

«Eu não posso conceber nem aceitar como é que se pôde durante tantos anos canalizar os subsídios de cultura só para uma cidade, Lisboa, tendo-se esquecido completamente outras cidades que tinham os mesmos direitos. Às vezes as aberrações são tão duradoiras que a generalidade das pessoas as tomam como coisas normais e é a esse estado de espírito que tem de dizer-se: Basta!

Assim se pronunciou o Secretário do Estado de Cultura, dr. Santana Lopes ao inaugurar, no dia 25 de Junho, a nova Biblioteca concelhia num edifício adaptado da antiga Casa do Arco, cuja funcionalidade e aproveitamento arquitectónico aquele membro do Governo elogiou.

A cerimónia da abertura iniciou-se com a bênção das instalações a cargo de Monsenhor Baptista de Sousa. Uma filha do escritor Manuel Boaventura descerrou uma fotografia de seu pai, patrono daquela casa de cultura. O seu perfil de cidadão e de escritor foi feito pelo dr. Brochado de Almeida, assistente da Faculdade de Letras do Porto.

Depois aquele membro do Governo, acompanhado pelo Presidente da Câmara de Esposende, pelo Governador Civil de Braga e demais convidados percorreu todas as dependências do edifício ora restaurado e, ao ter que baixar a cabeça na passagem de uma sala para outra, fez um reparo irónico para o dr. Penteado Neiva que ciceronava a visita: «muita gente vai bater aqui com a testa».

A Biblioteca possui um pequeno auditório para projecções, duas pequenas mas acolhedoras salas para crianças apetrechadas com os mais modernos aparelhos audiovisuais e outras duas dependências, havendo numa delas um catálogo de obras de cultura geral e noutra temas especializados, sendo a leitura dos livros praticados naquelas duas salas. A decoração e a comodidade apresentam-se de mãos dadas constituindo elas mesmo motivos de visita.

Numa pequena sessão de boas vindas, o dr. Santana Lopes, respondendo a um apelo de ajuda do Presidente Figueiredo afirmou que o Governo não dava nada a ninguém mas limitava-se a devolver o dinheiro aos contribuintes através daquelas autarquias que revelassem um racional sentido de gestão.

O Secretário de Estado de Cultura fez ainda breves visitas ao antigo Teatro Club que vai ser adaptado a museu e ao edifício Cinezende, recentemente adquirido pela Câmara e que irá actuar de futuro como sala para espectáculos e concertos.

COMEMORAR «OFIR TAMBÉM É FÃO»

Não parece haver dúvidas quanto ao impacto provocado pela lembrança dos 25 anos da estreia da revista «Ofir também é Fão». Comemorar o acontecimento, ideia assente, continua a entusiasmar muitos dos participantes.

O problema, julga-se, está na organização já que, a repetição de algumas das cenas estará comprometida por dificuldades, naturalmente, complexas. Contudo, se o Coro Polifónico de Fão, ensaiar os números mais significativos, damos um grande passo. Por exemplo: «Fão antigo» ou «Fão minha terra linda?»

Quanto ao resto, o tradicional jantar, em data a fixar, reunindo todo o elenco e respectivos familiares, certamente, das acompanhantes das meninas! E os maridos! Tudo junto, será muita gente, dará uma grande manifestação.

Com o alerta e, o desafio à capacidade organizativa dos fangueiros, julgámos que se contribui para o enriquecimento da história local já que, o vício de fazer teatro de revista, está fora do alcance de muita gente.

«Ofir também é Fão» foi um êxito, uma realidade, a que ninguém pode fugir.

ARTUR COSTA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

ROTARY RENOVA-SE

Com pompa e circunstância realizou-se no Hotel Nélia, no dia 27 de Junho, a transmissão de Tarefas do Rotary Club de Esposende, que o mesmo é dizer, houve mudanças de «comandos». Na prática: o past-Presidente José Armando Faria Ferreira cedeu o lugar a Cândido de Araújo Lamas.

Assistiram ao acto festivo representantes de outros clubes, com largo destaque para Viana do Castelo de onde o Presidente entrante é natural. Monsenhor Baptista de Sousa fez questão de estar presente, como sempre o tem feito, o dr. Manuel Maria, Presidente dos Lyons, igualmente compareceu, bem como o representante da Câmara, eng. Adelino Miranda Marques que, por sinal, também é rotário.

A verdadeira essência do Rotary é a acção embora o discurso se sobreponha àquela finalidade e assim, como vem sendo praxe, o ainda Presidente José Armando, no momento próprio, retrospectivamente o seu ano de actividade, aludindo às acções realizadas que ficaram à quem dos objectivos preconizados e desejando um ano preñado de realizações para o seu sucessor. Agradeceu o empenhamento do seu secretário, Agostinho Neiva, cuja disponibilidade e actuação lhe mereceram o ápodo de «dona de casa». (Risos na sala). A benemerência da rotária Maria Angélica Barbosa Miranda também foi destacada.

Findas as suas palavras, os dois Presidentes, o que entrava e o que saía, trocaram os distintivos bem como os lugares. É costume, nestas circunstâncias, verificar-se a entrega mútua de prendas, de casal para casal; só que desta vez a oferta extrapolou igualmente para todos os presentes, calhando aos homens um cinzeiro, com o distintivo do Rotary que é a roda dentada, e às senhoras um lindo xaile à vianense. Entrada de leão do Presidente Cândido Lamas que ao dar a primeira martelada (batimento do martelo no sino) foi acarinhado com uma salva de palmas. E também usou da palavra, destacando logo no início o lema rotário deste ano: «a verdadeira felicidade está em ajudar o próximo». Depois exaltou o papel da mulher, feita de uma costela do homem, e muito sumariamente falou dos objectivos que nortearão a sua presidência onde prescuramos uma maior incidência na via associativista.

Usaram em seguida da palavra para apresentar parabéns e desejar felicidades os representantes do club de Barcelos, de Viana, o dr. Manuel Maria, Presidente dos Lions de Esposende, o dr. Brás Marques com um recado da Direcção dos Bombeiros, Monsenhor Baptista de Sousa que pelas presenças consumadas tem já o direito a convidado «senior» e, finalmente, o representante da Câmara, que disponibilizou o município para tudo quanto fosse a bem da comunidade. O representante do Governador, do Clube de Vila Verde,

igualmente felicitou o clube em festa.

Sentado já no seu novo lugar, o past-Presidente pediu a palavra para referir a dádiva sempre simpática da tia Lú que em memória de seu marido Fernando Areias, rotário que era de Braga e um bom amigo de Esposende, ofereceu ao clube a importância de 25 contos para obras de benemerência.

Com alegria e esperança acabou a linda festa que prenunciou um ano rico em acções em prol da comunidade.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

CAMPEONATO DA 1.ª DIVISÃO DE BRAGA

Últimos resultados: Aveleda, 0 x Fão, 0; Fão, 0 x Maximinense, 0.

Com dois empates nos restantes jogos, assim terminou a época 91/92 o Clube de Futebol de Fão. Podemos considerar resultados positivos tendo em conta que o primeiro foi alcançado fora perante um adversário que tinha de pontuar para se ver livre de algum contratempo, dada a sua posição na tabela classificativa. Por mais esse motivo, não era fácil a tarefa dos nossos jogadores que tiveram de enfrentar uma equipa muito agressiva que até ao último minuto tudo fez para vencer. Mas os fangueiros com muita serenidade, jogando muito bem, não permitiram que os de Aveleda concretizassem os seus intentos e poderiam até ter ganho o jogo, pois, as ocasiões que o golo estiveram à vista, apesar de terem sido poucas diga-se, pertenceram-lhes; numa delas Graça atirou violentamente ao poste com o guarda-redes visitado já sem possibilidades de defesa.

Quanto ao empate frente ao Maximinense, jogando em casa, os atletas do Fão sabiam que a partida não ia ser pèra doce pois os visitantes constituíam uma excelente equipa praticando um futebol vistoso a fazer inveja aos importantes dos nacionais; já o tinham demonstrado em sua casa onde por sinal o Fão conseguiu uma vitória preciosa que foi o estímulo para a estupenda segunda volta. Isso magoou-os tanto que na jornada seguinte brindaram o Marinhos com a única derrota da prova que os nossos vizinhos campeões sofreram. Além disso faziam parte do grupo dos da frente e essas posições têm sempre a sua influência; por acaso ou não, os nossos atletas sentiram-na bem.

O começo do encontro mostrou que ambas as equipas estavam ali para agradar ao público que infelizmente não era muito. De parte a parte procurava-se o golo com afincos; o Clube de Futebol de Fão ia-se superiorizando aos poucos ao seu adversário e em duas jogadas de muito perigo para a baliza contrária, o árbitro em dia não estragou tudo. Na primeira, o defesa visitante só faltou

(Continua na pág. 8)

CANTINHO DO ADVOGADO

SERVIÇO DE TRANSPORTE ESCOLAR

P — O Sr. A, é pai de uma criança que no último ano lectivo concluiu o ensino básico na escola primária da freguesia onde reside. No próximo ano lectivo e para continuar a sua carreira estudantil no ensino preparatório, terá que frequentar um estabelecimento de ensino que, não obstante se situe no mesmo concelho, fica a cerca de dez quilómetros da sua residência. Por este motivo e necessitando o seu filho de passar a deslocar-se diariamente de autocarro, pergunta se, dada a sua condição económica, terá direito a algum apolo.

R — Face à situação que o leitor nos descreve, desde já se diga que, de facto, o seu filho tem direito a transporte gratuito do local onde mora, até à escola na qual se irá matricular no próximo ano lectivo, em virtude de se encontrar abrangido pelas normas que regulam o serviço de Transporte Escolar.

Este serviço, criado pelo Decreto-Lei n.º 299/84, de 05 de Setembro, consiste, precisamente, na oferta de transporte, entre o local da residência e o local dos estabelecimentos de ensino frequentados, a todos os alunos dos ensinos primário, preparatório e secundário, desde que residam a mais de 4 km do estabelecimento de ensino.

No entanto, não será em todos os casos que o transporte será oferecido: apenas terão direito a ele os alunos que tenham obrigatoriamente que ser matriculados no estabelecimento de ensino que frequentam, por não haver nenhum outro mais próximo da sua casa — situação em que se encontra o filho do leitor.

Por outro lado, frequentando o aluno o ensino obrigatório, o referido transporte será inteiramente gratuito e isto, independentemente das condições económicas do seu agregado familiar.

Assim, tendo o filho do leitor direito a transporte escolar, deverá, junto dos serviços da Escola que val frequentar, requerer autorização para utilizar o serviço respectivo.

Prevendo, no entanto, a hipótese (muito frequente) de no concelho onde reside não existirem transportes escolares que abranjam toda a área do concelho, deverá o aluno, neste caso, solicitar ao seu estabelecimento de ensino que este requeira, à Câmara Municipal respectiva, a atribuição de um subsídio equivalente às despesas que irá suportar com as suas deslocações.

Póvoa de Varzim, 07 de Julho de 1992

JORGE CAIMOTO
Telef. 622808 — 4490 PÓVOA DE VARZIM

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO